

*“mamãe um dia me falou
que ela também sente medo
que ela também morre, que ela também se apaixona, corre, grita, foge
mamãe
um dia me falou
que seu nome não era mamãe” – Febraro*

Não é surpresa para ninguém o fato de mulheres lidarem com dupla, as vezes tripla jornada de trabalho. Além de trabalharem fora e serem influenciadas culturalmente a assumir quase que integralmente a responsabilidade dos afazeres domésticos, precisam lidar também com outra necessidade em meio a essa rotina atribulada: estudar. E são impostas ainda mais dificuldades a esse objetivo quando todas essas responsabilidades são atreladas à maternidade.

Parte dos motivos para que isso aconteça são os julgamentos que acompanham o fenômeno do ser mãe. Mães convivem constantemente com críticas em relação a seu comportamento ou como criam seus filhos. O senso comum impõe a elas, ainda, um dilema que acaba por se consolidar na mente das mulheres: ser mãe ou sonhar. Ser mãe ou estudar. Ser mãe ou viajar. Ser mãe ou ser.

Tornar-se mãe no espaço universitário é se tornar resiliente e empático. É ensinar sobre luta e resistência. É entender que “super-mãe” não existe. É formar o filho através dos sonhos. E quantos filhos assistem e vivem o sonho de suas mães! É também entender que é devido às mães mecanismos que permitam seu direito de ir e vir: creches e outros espaços para que possam deixar seus filhos em segurança enquanto batalham pelo futuro. As dificuldades enfrentadas no meio acadêmico só reforçam um problema social mais amplo: gravidez é um dos principais fatores para a evasão escolar de meninas em todo o Brasil, segundo pesquisa do Instituto Unibanco.

Portanto, reforça-se ainda mais a necessidade da resistência e perseverança das mães para que se possa combater um ciclo cultural que limita meninas e mulheres. Caso você, mãe, queira relatar os desafios enfrentados na universidade e/ou tenha sugestões de melhorias, responda este e-mail e saiba que pode contar conosco!